



Informação sobre *Desenvolvimento, Instituições e Análise Social*

O RAPPER AZAGAIA REAVIVOU A ESPERANÇA NUMA SOCIEDADE MELHOR UMA CARTA AO AZAGAIA¹

Janne Rantala²

O *rapper* moçambicano Azagaia (6 de Maio de 1984 - 9 de Março de 2023) morreu em Março na sua casa no Grande Maputo. Com apenas 38 anos, e especialmente amado pelas gerações mais jovens, Azagaia era o *rapper* mais famoso do país, ouvido em todas as antigas colónias portuguesas, em particular em África, mas também em Portugal, no Brasil e noutros cantos do mundo. Ele era um crítico acérrimo da corrupção, da guerra e dos legados do colonialismo. Janne Rantala, antropólogo que estuda o Hip Hop moçambicano desde 2010, dirige as seguintes palavras de homenagem directamente a Azagaia.

Meu caro Azagaia. Acreditando que, à boa maneira africana, estás presente onde quer que sejas lembrado, dirijo-te estas palavras directamente. Não éramos muito próximos, mas já nos encontrámos várias vezes ao longo da tua última década. Com mais frequência ainda, por vezes diariamente, ouvia a tua música, quer para a minha pesquisa, quer como teu fã.

Não quero nem aceitar nem acreditar que, de facto, tu partiste para sempre e que já não fazes *rap*, não te mexes, nem das risadas - ou que já não lanças novas músicas e que, sobretudo, já não podes ser visto num palco ou a passar na rua. Tal como milhares de outros moçambicanos de todos os quadrantes da vida, sinto que perdi um amigo muito próximo.

Nascestes perto da fronteira com Eswatini (antiga Suazilândia) e a África do Sul, no Distrito da Namaacha, onde viveste até aos 10 anos, altura em que te mudaste para Maputo. A tua falta será sempre sentida pelo teu pai, professor, que chegou a Moçambique vindo de Cabo Verde, e pela tua mãe, que trabalhava como *mukherista*, praticando o comércio informal na fronteira, tal como a minha sogra. Foste realmente um artista excepcional, um pensador profundo e um intelectual público, bem como um dos [artistas](#) (e pessoas) mais versáteis que conheço. Apesar da tua fama mundial, o teu comportamento para com as outras pessoas era amável e modesto. A tua alegria e o teu sorriso que se irradiavam e se espalhavam por onde quer que passasses.

Nem mesmo os teus inimigos duvidavam da tua vontade de batalhar por um mundo melhor - só não era do interesse deles. Para aqueles de nós que adoravam a tua música, é impossível aceitar que o teu riso e a tua voz tenham sido silenciados para sempre.

Morreste na tua casa, situada no Bairro Kongolote, na Cidade da Matola, na quinta-feira, dia 9 de Março, devido a um ataque de epilepsia. Tinhas informado o electricista, que estava a trabalhar no telhado, que ias para o teu quarto descansar um pouco. Porém, essa sesta nunca mais acabava. Embora a morte tenha sido natural, a tua partida já provocou protestos por todo o Moçambique, bem como noutras antigas colónias portuguesas. Por todo o lado, em Maputo, há imagens tuas nos postes de electricidade, nos chapas e nas paredes. Em Bissau, capital da Guiné-Bissau, foi pintado um grande [mural](#) em tua homenagem.

Antepassados políticos

Foste o primeiro *rapper* moçambicano a participar na minha pesquisa sobre Hip Hop e memória política em Moçambique. Isso aconteceu pouco depois de Setembro de 2010. Prestei atenção à tua música quando reparei que as tuas canções foram usadas como slogans na revolta de 1 e 2 de Setembro desse ano, que teve lugar alguns meses antes das revoltas posteriores mais a norte, que ficaram designadas como Primavera Árabe. Na altura, tinhas 26 anos.

Cedo descobri que já havia uma campanha contra ti há vários anos, por parte de alguns cientistas sociais moçambicanos, os quais procuravam desvalorizar a importância artística e política da tua música. Argumentavam que a tua música não era uma verdadeira crítica social, mas um mero desabafo. Não foi difícil mostrar que eles estavam errados. Como qualquer boa arte, a tua música oferecia ferramentas para as pessoas abordarem a sua própria situação e compreenderem a sociedade. Este legado da tua poesia e do teu *rap* permanece, mesmo depois de teres partido.

Inicialmente, interessei-me pelo teu trabalho porque as tuas canções apresentam a história de Moçambique à luz dos problemas sociais actuais ligados ao legado do colonialismo, invocando os combatentes da liberdade que pereceram - figuras que passei a chamar de "antepassados políticos". Nunca me ocorreu que tu próprio te tornarias um deles: o tema de inúmeras canções de homenagem, poemas, outras obras de arte - algumas delas [de muita qualidade](#) - e palavras de ordem de protesto, já nas primeiras semanas da tua vida póstuma.

Ao longo dos anos, entrevistei-te durante várias horas e encontramos-nos muitas outras vezes em debates, espectáculos ou

manifestações pacíficas, ou ainda na rua, por mero acaso. No início, a minha técnica de entrevista era, sem dúvida, pouco elegante, com inúmeras perguntas prontas, que resultavam em respostas que inspiravam sempre algumas novas perguntas. Peço desculpa por isso e agradeço a tua paciência.

No seminário do Centro de Estudos Africanos, da Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, para o qual te convidei em 2012, recusaste todos os títulos habituais utilizados na academia moçambicana e pediste para te chamarem simplesmente "mano Azagaia". Agora, depois de nos teres deixado, parece-me um pouco estranho chamar-te mano, porque os vivos não costumam referir-se assim aos mortos. No entanto, como disseste numa entrevista na televisão, basta nascer para morrer. Por isso, seria melhor habituarmo-nos à ideia de tentar dar sentido à nossa vida, como sugeriste. Nisso foste um excelente exemplo para nós, mano Azagaia.

A tua imaginação de um outro mundo revelava um carácter raro. Depois de uma sessão de entrevista em minha casa, no Bairro da Malhangalene, estava a beber uma segunda chávena de um batido caseiro espesso, preparado pela minha sogra a partir de frutos silvestres chamados *mapilwa*, colhidos por crianças locais em Marracuene. Disseste-me que nos primeiros anos após a independência, o batido poderia ter sido transformado numa alternativa saudável e deliciosa aos refrigerantes das multinacionais. Mais tarde, compreendi que não te referias tanto a um glorioso passado socialista com produtos industriais inovadores, que na verdade nunca existiu, mas sim à hostilidade dos países vizinhos do apartheid, à guerra civil, à carência económica e, mais tarde, à desindustrialização imposta pelo FMI. Imaginava um futuro alternativo dos tempos passados do teu país, que nunca foi vivido por ninguém, mas que podia, no entanto, ser idealizado com uma imaginação utópica fértil como a tua. Um tempo que poderia ser possível sem as heranças do colonialismo e das desestabilizações neocoloniais, que continuam a impedir que grandes sonhos como o teu se tornem realidade.

Como dizes numa das tuas músicas: "Expulsámos os colonos, mas não o colonialismo/ Vi a merda, baixei a tampa e não puxei o autoclismo".

Quando cheguei pela primeira vez ao meu actual país, Moçambique, em 2011, era ainda um dos países mais subdesenvolvidos

¹ Gostaria de agradecer aos colegas da equipa CIPHER ERC CoG, da University College Cork, pelo seu apoio emocional e prático durante o período de luto em que escrevi esta carta, em especial ao professor J. Griffith Rollefson.

² Marie Curie Postdoctoral Fellow, o investigador associado do CIPHER, Departamento de Música, University College Cork.

do mundo, mas a rapidez do seu crescimento económico estava sem precedentes. Nos videoclips da televisão, os temas eram a dança, o dinheiro vivo e as bebidas caras. Nas paredes dos arranha-céus, foram colocadas imagens gigantes de artistas que vendiam de tudo, desde seguros a refrigerantes.

As tuas fotografias não estavam lá, Azagaia. Fizeste música para os oprimidos, contra a corrupção, a desigualdade económica, o neocolonialismo e a violência política. Nas tuas canções, defendeste a maioria dos moçambicanos, a maioria dos quais não tem salário e cujas vozes geralmente não são ouvidas. Por essa razão, a tua música foi censurada nos canais de televisão e rádio estatais. Mesmo agora, quando a tua morte é lamentada em todas as antigas colónias de Portugal, os meios de comunicação social estatais quase não falam da tua morte.

A censura tornou-te ainda maior

Embora a Ministra da Cultura tenha apresentado imediatamente as suas condolências, os meios de comunicação social próximos da Frelimo fizeram tudo o que estava ao seu alcance para minimizar a notícia. O jornal Notícias publicou primeiro um artigo particularmente curto, que, no entanto, tinha espaço para descrever os teus alegados problemas pessoais. O semanário Domingo, pertencente ao mesmo grupo, veiculou uma matéria de capa sobre outro artista que, segundo a manchete, canta uma história. Desta forma, a edição procurou descentrar a tua morte e a obra da tua vida, que *não só* cantaste, como *também fizeste* história.

Censuram-te mesmo depois da tua morte. Desta forma, eles realçam a sua própria insignificância enquanto meios de comunicação social.

Tal como referes no [intro](#) do teu segundo álbum, *Cubaliwa* (Nascimento), foste chamado ao Ministério Público e interrogado por suspeita de atentar contra a segurança do Estado, depois de teres lançado a canção "[Povo no Poder](#)", inspirada nas grandes manifestações de Fevereiro de 2008. Tinhas apenas 23 anos de idade. A acusação acabou, afinal, por não ser apresentada.

Este tipo de "[música de intervenção rápida](#)", que exigia trabalho de estúdio imediatamente após os acontecimentos e o lançamento de canções da actualidade como uma espécie de reportagem sónica como "CNN do gueto", tornou-se a tua imagem de marca. Muitos acontecimentos permaneceram no nosso imaginário histórico graças às tuas faixas e vídeos musicais.

Apesar do estilo de música que escolheste, do boicote mediático, das repetidas ameaças e das campanhas cerradas contra ti, tornaste-te uma das maiores estrelas do Hip Hop lusófono, cuja morte é lamentada em todos os continentes e recordada em dezenas de línguas.

Em homenagem ao maior artista de *rap* moçambicano de todos os tempos, o aniversário da tua morte, 9 de Março, será para sempre celebrado como o Dia Internacional do Hip Hop Moçambicano.

Em nome da verdade

Não consigo sequer imaginar o caos que Moçambique teria enfrentado se tivesses morrido da bala do esquadrão da morte que muitos de nós tememos durante mais de 15 anos. A tua música foi considerada tão perigosa pelos que detêm o poder;

tão perigosa que houve tentativas sérias de atacar o teu legado e impedir o luto público.

Uma mera teoria da conspiração sobre a tua morte poderia ter lançado o país no caos. Se o partido no poder, a Frelimo, com uma história tão grandiosa como movimento de libertação, tivesse ainda hoje alguma compreensão da sociedade contemporânea e da realidade social dos cidadãos, faria tudo o que estivesse ao seu alcance para agradecer à tua família e à comunidade Hip Hop por terem cortado rápida e eficazmente as asas a quaisquer rumores e desinformação sobre a tua morte. Se não fosse assim, as teorias da conspiração espalhar-se-iam facilmente neste tipo de situações.

Mesmo que quisesses que todos tivessem pelo menos comida, não terias aceitado uma revolução baseada numa mentira. Durante a tua carreira, opuseste-te fortemente à manipulação política da história. A música sobre este tema, "[As Mentiras da Verdade](#)", 2007, provocou inicialmente uma onda de ataques públicos contra ti.

A tua canção "Os Cães de Raça", 2013 para a história como uma descrição excepcionalmente nítida da história da discriminação racial durante o colonialismo e dos seus impactos no Moçambique contemporâneo. O teu álbum *Cubaliwa* (2013), no seu todo, é um dos diagnósticos mais incisivos do legado do colonialismo, tanto em Moçambique como no resto do mundo.

Hino revolucionário como intro

Mesmo de muito longe - onde me encontro, aqui na Irlanda - é possível ver, através dos meios de comunicação social e das plataformas das redes sociais, a importância que a tua música e a tua coragem cívica tiveram para os moçambicanos, bem como para os angolanos, guineenses e cabo-verdianos. No Centro de Pesquisa para Estudos Globais de Hip Hop [CIPHER](#) na University College Cork, falámos de ti e ouvimos as tuas músicas quase todos os dias durante semanas, apesar das agendas ocupadas de todos, desde que tu partiste, mano Azagaia.

Nos dias que se seguiram à tua morte demasiado prematura, as redes sociais encheram-se de vídeos de cerimónias fúnebres, onde os fãs choram no meio de um mar de velas enquanto ouvem e cantam as tuas canções, como o "Povo no Poder". No Distrito da Namaacha, onde nasceste, até representantes da Organização da Mulher Moçambicana do partido no poder, a Frelimo, participaram nestes eventos. A [palavra de ordem](#) o "Povo no Poder", foi entoada por grandes multidões durante os cortejos fúnebres e as marchas que se seguiram, e tornou-se particularmente odiada pelos poderosos.

Na Matola - cidade satélite da capital, Maputo - bem como em muitas outras cidades e vilas, a intro do teu álbum *Babalaze* (2007) foi tocada na cerimónia fúnebre, realizada sete dias após a tua morte. A faixa é uma combinação da canção de protesto pan-africana dos movimentos anticoloniais, amplamente conhecida como "Nkosi Sikeleli' Afrika", cantada pelo coro da igreja e a tua declaração polémica sobre a explosão do paiol militar de Malhazine na capital.

No hino original de 1897, pede-se a Deus que abençoe o continente africano, que nessa altura sofreu o impacto das guerras genocidas e dos massacres durante as "campanhas militares da

ocupação efectiva", após a realização do Congresso de Berlim. Mais tarde, tornou-se a canção tema da luta contra o apartheid e o colonialismo e o hino nacional de seis países da África Austral no total - bem como a grande introdução do teu primeiro álbum.

Gás lacrimogéneo no teu cortejo fúnebre

A polícia tentou impedir a tua comemoração em Angola e Moçambique. Em Maputo, a polícia impediu até o cortejo de seguir a tua última viagem e tentou proibir as marchas comemorativas de sábado, 18 de Março, na maioria das 11 capitais provinciais.

Também do outro lado do continente, em Luanda, capital de Angola, centenas de pessoas reuniram-se para homenagear a obra da tua vida. As forças policiais paramilitares, armadas com espingardas de assalto, tentaram vedar a passagem dos participantes. Em Maputo, o carro funerário não foi permitido a seguir o percurso previsto, que passaria perto do palácio do Presidente. As forças da polícia paramilitar dispersaram os presentes com granadas de gás lacrimogéneo.

Até mesmo os teus ossos assustam os que estão no poder.

A polícia [lançou gás lacrimogéneo](#) contra as marchas pacíficas e autorizadas do dia 18 de Março, pelo menos em Namputa, Beira, [Maputo](#) e Pemba. Nestas cidades, bairros inteiros ficaram cobertos de gás lacrimogéneo. Houve pessoas que foram arbitrariamente espancadas e detidas - quer estivessem envolvidas ou não.

No entanto, silenciar o teu legado tem-se tornado cada vez mais difícil. Cinco dias após a violência policial, o Presidente Filipe Nyusi veio a público, tentando desesperadamente defender a repressão policial de que ele próprio parece ser responsável. A polícia e os meios de comunicação social estatais lançaram uma teoria da conspiração absurda, segundo a qual os manifestantes teriam sido infiltrados por políticos que planeavam realizar um golpe de Estado, usando as marchas de homenagem como fachada.

Se os teus dons não foram suficientes para garantir a tua imortalização, os esforços para reprimir a tua memória garantem que o teu legado viverá para sempre.

Obrigado por tudo, mano Azagaia. Lembro-me de ti não só como um grande artista, mas também como uma pessoa que irradiava um grande sorriso, riso e alegria; que queria viver uma vida normal com a sua família; mas que também tinha uma forte necessidade de fazer arte em defesa dos interesses daqueles cujas vozes normalmente não são ouvidas.

Os teus objectivos não pareciam exagerados, mas talvez a modéstia deles tenha sido uma razão que fez com que certas pessoas te rotulassem como um perigoso agitador e revolucionário: querias que as pessoas tivessem pelo menos água potável e comida, e expressavas essa aspiração através da tua arte; música difícil de igualar.

Nas tuas últimas palavras disseste que ias descansar. Por isso, descansa em paz, mano Azagaia. E descansa no poder. Que a esperança que trouxeste à sociedade e a tua coragem deixem um legado vivo em Moçambique - e não só.